

Religião, Gênero e Mobilidade Social na Região Metropolitana de Belo Horizonte*

Alexandre Antonio Cardoso

Professor Adjunto – Departamento de Sociologia e Antropologia/UFMG

Jorge Alexandre Barbosa Neves

Professor Adjunto – Departamento de Sociologia e Antropologia/UFMG

Resumo

Embora a relação entre religião e mobilidade social esteja calcada na sociologia clássica, esta tem sido pouco investigada por pesquisadores acadêmicos. O fenômeno da mobilidade social integra três esferas de influência, a saber: o indivíduo, a família e a estrutura macro-social. Observam-se ainda fortes interações entre elas. Assim sendo, neste trabalho, buscamos analisar as relações entre as esferas do indivíduo, da família e da religião para entender o processo de mobilidade social. Tentamos identificar, em particular, diferenças nos padrões de mobilidade social intergeracional entre pessoas de diferentes filiações religiosas, bem como as possíveis interações existentes entre filiação religiosa e gênero nos padrões de mobilidade social. Ou seja, buscamos observar não apenas se os padrões de mobilidade social intergeracional variam entre as pessoas de diferentes religiões, como também se as conhecidas diferenças entre os gêneros são afetadas pela filiação religiosa. Para tal, estimamos modelos estatísticos multivariados a partir dos dados da Pesquisa por Amostragem Probabilística da Região Metropolitana de Belo Horizonte de 2002 (PRMBH-2002), desenvolvida pelos departamentos de Ciência Política e Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

* Versão preliminar, favor não citar sem a autorização dos autores.

Problema de Pesquisa e Abordagem Teórica

Uma das questões centrais das pesquisas sobre mobilidade social e transmissão de status diz respeito às suas variações entre diferentes grupos sociais. Uma questão central que tem sido intensamente estudada, porém ainda se encontra completamente em aberto, se refere aos efeitos da cultura sobre o processo de estratificação e mobilidade social. Entre os fatores culturais, um tem sido particularmente recorrente na literatura, qual seja, a religião (ver Kanungo e Mendonça, 1994). Desde que Max Weber escreveu o seu livro clássico “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, os estudiosos do trabalho, da estratificação social e de alguns fenômenos econômicos têm associado a religião a variáveis relativas a desempenho econômico dos indivíduos. Assim, a partir dos estudos de Weber sobre a religião (ver, em particular, Weber, 1982 e 1988), a hipótese de influência recíproca entre adesão religiosa e atitudes econômicas tem sido objeto de extensa investigação. A conclusão sintética de Weber sobre esse ponto, ao fim de sua ampla pesquisa das religiões universais, indicou “afinidades eletivas” entre os estilos de religiosidade daquelas religiões e determinadas camadas sociais específicas, representantes de interesses materiais e ideais específicos. Assim, os burocratas foram os portadores e propagadores do confucionismo, os magos o foram do hinduísmo, os monges mendicantes/viajantes o foram do budismo, os guerreiros o foram do islamismo, os comerciantes ambulantes o foram do judaísmo, os artesãos itinerantes o foram do cristianismo, como os burgueses da Europa do século XVI o foram do puritanismo. A elucidação das “afinidades eletivas” entre o estilo de religiosidade puritana e o desenvolvimento capitalista, ponto de partida e de chegada dos estudos weberianos, tem agendado uma forte vertente da pesquisa sociológica da religião desde então.

No que diz respeito ao nosso problema de pesquisa, em particular, a hipótese mais claramente exposta na literatura é a de que trabalhadores protestantes são, em geral, mais motivados para o trabalho e para a busca de mobilidade social ascendente do que aqueles adeptos de outras denominações religiosas. Por exemplo, Kanungo e Mendonça (1994) mostram que, em uma pesquisa de campo desenvolvida por eles na Índia com executivos de empresas, foi afirmado em várias das entrevistas que o maior responsável pela suposta baixa motivação para o trabalho no país se deveria à ausência de uma ética do trabalho de

natureza religiosa, como aquela existente nos países capitalistas de maioria protestante. Da mesma forma, outros autores têm mostrado evidências nos processos de estratificação social e/ou nos padrões de mobilidade social dos protestantes, quando comparados a outros grupos religiosos (Alston, 1973; Bland, 1980; Aubree, 1999; Vann Poppel, Liefbroer e Schellekens, 2003)¹.

Outra questão de pesquisa que se apresenta aqui diz respeito à interação entre gênero, religião e mobilidade social. A relação entre gênero e mobilidade social no Brasil tem sido já bastante estudada (ver, Haller e Saraiva, 1991; Scalon, 1999; Aguiar, Fernandes e Neves, 2004). Hoje, temos fortes evidências para acreditar que, de fato, a alocação ocupacional das mulheres tende a ser mais independente da sua origem de status do que a dos homens². Em relação à interação com a religião, há certos elementos na literatura que nos levam a considerar a hipótese de que os possíveis diferenciais de mobilidade dos protestantes possam ser ainda mais expressivos para o caso das mulheres do que dos homens. Por exemplo, Aubree (1999) mostra que entre os neopentecostais no Brasil, se observam programas de treinamento laboral em técnicas variadas – tais como culinária, corte e costura, computação, etc. – com enfoque especial nas mulheres, o que poderia propiciar a estas maiores chances de mobilidade social ascendente.

Baseados na discussão acima, nós iremos testar duas hipóteses:

- 1- Os protestantes apresentam padrões diferenciados de estratificação e mobilidade social. Mais especificamente, ser adepto de uma denominação protestante tem tanto um efeito direto e independente sobre o status socioeconômico dos indivíduos da População Economicamente Ativa (PEA) ocupada, quanto é uma variável mediadora da relação entre a origem socioeconômica e o status ocupacional dos

¹ Há dois problemas, contudo, que devem ser pontuados em pesquisas que investigam os diferenciais nos padrões de mobilidade dos protestantes. Em primeiro lugar, como ressaltado por Gaede (1973), há um forte potencial para um problema de causalidade. Em segundo lugar, é possível que a relação não seja direta. Ou seja, é possível que a relação existente se dê entre intensidade da prática religiosa e mobilidade social. Por exemplo, Lasserre (1972) mostra uma associação entre intensidade da prática religiosa e mobilidade ascendente entre trabalhadores franceses tanto católicos quanto protestantes. Embora tais problemas possam se fazer presentes neste trabalho, o prosseguimento de nossa pesquisa permitirá, pelo menos, uma redução dos referidos problemas.

² Aguiar, Fernandes e Neves (2004) chegam a esta conclusão. Os achados de Haller e Saraiva (1991), que apontavam para o inverso, se deveram, provavelmente, ao uso de coeficientes padronizados para comparação dos grupos de gênero, o que hoje sabemos ser um equívoco.

indivíduos, significando que, entre os protestantes, a origem teria um menor efeito sobre o destino.

- 2- Os diferenciais de estratificação e mobilidade social dos protestantes são ainda mais marcantes entre as mulheres, quando comparadas com os homens. Ou seja, entre elas, os efeitos tanto direto quanto de mediação da filiação a uma denominação protestante serão ainda mais expressivos.

Metodologia

Dados:

Pesquisa por Amostragem Probabilística da Região Metropolitana de Belo Horizonte de 2002.

Modelo Estatístico³:

Regressão de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO).

Variável Dependente:

Status socioeconômico da ocupação atual do indivíduo entrevistado (índice socioeconômico da ocupação principal), calculado de acordo com a metodologia desenvolvida por Nelson do Valle Silva (ver, Pastore e Silva, 2000). Este índice tem uma escala que varia entre 0 e 100 pontos.

Variáveis Independentes:

Anos de estudo (escolaridade); raça indicadora (raça como variável indicadora, na qual negro = 0 e branco = 1); pertence a evangélico (pertencimento a denominação ou grupo evangélico, variável indicadora, na qual não = 0 e sim = 1)⁴; índice ocupacional do pai centralizado (calculado a partir do índice de Nelson do Valle Silva)⁵; índice ocupacional do

³ Os Modelos de Regressão de MQO estimados foram escolhidos por apresentarem o melhor ajustamento.

⁴ Foram tentados modelos para diferenciar outros grupos religiosos. Todavia, tais modelos não se mostraram relevantes, visto que a única diferenciação significativa foi entre protestantes versus os outros grupos religiosos.

⁵ A centralização da variável é utilizada no nosso caso para evitar colineariedade com o termo interativo.

pai vezes evangélico (termo interativo entre o índice ocupacional do pai centralizado e a variável indicadora sobre filiação a denominação evangélica).

Resultados e Discussão

As Tabelas 2 e 3 abaixo apresentam os resultados das estimações de nossos Modelos de Regressão de MQO. Os resultados mostram que:

- 1- Com relação à primeira hipótese, ela foi confirmada, porém apenas para o grupo masculino. A Tabela 1⁶ mostra que, controlando-se pelas outras variáveis, pertencer a uma denominação protestante eleva em média em 2,368 pontos o status socioeconômico da ocupação dos indivíduos do sexo masculino⁷. Para o grupo feminino, contudo, não se encontrou qualquer efeito minimamente significativo. Da mesma forma, no que diz respeito à transmissão de status, a Tabela 2⁸ mostra que apenas para os homens é válida a conclusão de que a influência da origem socioeconômica sobre o alcance de status é menor para os protestantes, visto que entre eles o efeito do status ocupacional do pai sobre o do filho é 0,242 ponto (coeficiente significativo a um $p < 0,03$, assumindo-se um teste unilateral) menor do que para os demais indivíduos do sexo masculino.
- 2- Com relação à segunda hipótese, como já se pode concluir pela análise apresentada acima, esta foi totalmente refutada pelos resultados encontrados. As Tabelas 1 e 2 revelam o contrário do que se tinha previsto pela segunda hipótese, ou seja, mostram efeitos da filiação ao protestantismo significativos apenas para o grupo masculino.

⁶ Os modelos estimados apresentados na Tabela 1 apresenta ainda as seguintes informações relevantes: a) tamanho da amostra feminina igual a 196 indivíduos e tamanho da amostra masculina igual a 285 indivíduos; b) R^2 do modelo estimado com a amostra feminina igual a 0,337 e R^2 do modelo estimado com a amostra masculina igual a 0,258; c) R^2 ajustado do modelo estimado com a amostra feminina igual a 0,323 e R^2 ajustado do modelo estimado com a amostra masculina igual a 0,247.

⁷ Só é possível, porém, a rejeição da hipótese nula com um nível de significância inferior a 0,10 ($p = 0,174$, porém se fizermos o teste unilateral, podemos assumir um $p = 0,087$, portanto menor que 0,10).

⁸ Os modelos estimados apresentados na Tabela 1 apresenta ainda as seguintes informações relevantes: a) tamanho da amostra feminina igual a 196 indivíduos e tamanho da amostra masculina igual a 285 indivíduos; b) R^2 do modelo estimado com a amostra feminina igual a 0,337 e R^2 do modelo estimado com a amostra masculina igual a 0,268; c) R^2 ajustado do modelo estimado com a amostra feminina igual a 0,320 e R^2 ajustado do modelo estimado com a amostra masculina igual a 0,255.

Pensamos que os achados da análise podem ser interpretados nos marcos da tradição que vem explorando as afinidades eletivas entre a religiosidade de inspiração protestante e a ética do trabalho, desde o famoso estudo de Weber, uma vez estabelecidas certas mediações. Embora, segundo a análise weberiana (Max Weber, 1983), uma motivação para o trabalho como um valor racionalmente edificado com fim em si mesmo devesse parecer irracional para qualquer ética religiosa anterior ao puritanismo, não se deve concluir daí que não existiu uma ética do trabalho anterior ao puritanismo, nem tampouco que essa ética tenha sido desde então monopolizada pelo puritanismo. Conforme Sennett (1999, p. 124), vê-se, por exemplo, uma expressão dessa ética nas recomendações de Virgílio aos camponeses, que devem “combater a preguiça e as forças do caos interior, com uma distribuição rígida e implacável do tempo”. No caso da tradição a que nos remetemos, uma ética do trabalho teria sido, pois, expressa no pensamento clássico e ter-se-ia manifestado, ainda que ‘sufocada’ pelas éticas religiosas, durante todo o período que leva à Reforma. Ali essa ética encontra-se com sua plena legitimação religiosa e tem condições de se expandir, inclusive para além da religião. As seguintes famosas palavras de Weber dão conta exatamente desse processo, pelo qual a ética do trabalho, incorporada à ascese intramundana protestante, teria ultrapassado as fronteiras religiosas e passado a reger, como uma esfera autônoma de valor, as relações sociais em geral e do cosmo econômico, em particular: “El puritano *quería ser un hombre profesional; nosotros tenemos que serlo*” (Weber, op.cit., p. 165). A interpretação de nosso achado, portanto, deve considerar que uma ética do trabalho pré existiu e coexistiu noutras expressões religiosas e fora delas com aquela em que foi acolhida e se mantém como orientação característica proeminente do protestantismo em geral.

Uma segunda mediação deve ser feita relativamente ao protestantismo brasileiro. Dentre suas muitas peculiaridades, vis-à-vis o protestantismo tradicional, em geral, e o puritanismo, em particular, já apontadas pelas pesquisas da área (Mariano, 2004), queremos ressaltar o aspecto ‘internalizado’ desse tipo de religiosidade, conforme a noção cunhada por Camargo (1973). Com ela, ele quis distinguir a religiosidade intencionalmente assumida pelas pessoas, como objeto de uma decisão racionalmente orientada, daquelas formas de religiosidade herdadas e assimiladas na socialização. No Brasil das últimas três

décadas, o número sempre crescente das confissões e dos adeptos protestantes é um índice inequívoco desse caráter ‘internalizado’, ou de conversão, da religiosidade protestante.

Alguns estudos têm revelado dimensões interessantes da conversão que podem ajudar a interpretar nossos dados. Machado e Mariz (1996,1997), por exemplo, têm chamado atenção para tal processo na esfera familiar, naturalmente envolvendo a questão de gênero. Grosso modo, a conversão evangélica seria ‘puxada’ pelas mulheres, que encontrariam naquelas denominações melhores possibilidades de corroboração de seus interesses emergentes, oriundos das mudanças sociais em curso, sejam eles ideais ou materiais. Nesse sentido, cabe ressaltar aqui que, em que pese todas as demais peculiaridades do protestantismo brasileiro, o traço fundamental da ascese puritana, representada pela ética do trabalho, permanece como um centro organizador dessa religiosidade.

A partir dessas mediações, interpretamos a ausência de efeito da religião nos padrões de estratificação e mobilidade social entre as mulheres protestantes, bem como a presença desse efeito entre os homens como se segue: a motivação para o trabalho, expressão de uma ética do trabalho, já se encontraria mais assimilada e disseminada entre as mulheres que entre os homens, produto do próprio processo de autonomização dessa esfera, a partir de sua disseminação pelo puritanismo. Usando um argumento semelhante àquele referido acima sobre o crescimento consistente do número de evangélicos indicar a manutenção ou mesmo ampliação de um processo de conversão na população, diríamos que o crescimento consistente da participação feminina no mercado de trabalho é indicador da prevalência ou mesmo ampliação de orientações valorativas do trabalho nesse segmento social. Assim, enquanto para os homens, ‘puxados’ pelas mulheres, a conversão ao protestantismo representaria uma revalorização conscientemente assumida do trabalho, refletindo-se nos dados que mostram um efeito importante da religião na motivação para o trabalho, para as mulheres a conversão representaria a oportunidade de expressão de um valor já plenamente assumido, refletindo-se nos dados que mostram não haver nenhum efeito da religião na motivação para o trabalho.

Dito de outro modo, nossos achados oriundos das análises estatísticas revelam que, se para os homens podemos falar de conversão num sentido forte, de metanóia, exatamente na direção imprimida pelo puritanismo desde seus primórdios, para as mulheres a

conversão apenas incrementaria as possibilidades de uma orientação ética prevalecente. Em ambos os casos, contudo, fica patente a permanência na religiosidade protestante, independentemente de suas conotações locais, de uma efetiva valorização do trabalho, sem paralelo em nenhuma outra forma de religiosidade. Não deixa de ser igualmente significativo o achado correspondente ao comentado, de que nenhuma outra religião apresenta qualquer efeito sobre a os padrões de estratificação e mobilidade social.

Tabela 1: Resultados dos Modelos de Regressão de Mínimos Quadrados Ordinários, efeitos interativos, Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2002.

Coeficientes^a

sexo indicadora (masculino = 1)	Mode- los		Coeficientes Não-padronizados		Coeficientes Padronizados	t	Sig.
			B	Erro padrão	Beta		
feminino	1	(Constante)	33,049	2,431		13,594	,000
		anos de estudo	1,493	,237	,441	6,309	,000
		raça indicadora (branco = 1)	1,533	2,111	,044	,726	,469
		pertencente a evangélico	-2,667	2,232	-,072	-1,195	,234
		índice ocupacional do pai centralizado	,167	,067	,172	2,503	,013
masculino	1	(Constante)	42,445	1,699		24,987	,000
		anos de estudo	,651	,178	,205	3,653	,000
		raça indicadora (branco = 1)	4,029	1,724	,131	2,337	,020
		pertencente a evangélico	2,368	1,736	,071	1,364	,174
		índice ocupacional do pai centralizado	,300	,053	,326	5,656	,000

a. Variável dependente: Índice socioeconômico da ocupação principal - Vale Silva, 1996.

Fonte: PRMBH-2002.

Tabela 2: Resultados dos Modelos de Regressão de Mínimos Quadrados Ordinários, apenas efeitos diretos, Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2002.

Coefficientes^a

sexo indicadora (masculino = 1)	Mode- los		Coeficientes Não-padronizados		Coeficientes Padronizados	t	Sig.
			B	Erro padrão	Beta		
feminino	1	(Constante)	33,056	2,437		13,56	,000
		anos de estudo	1,495	,237	,441	6,300	,000
		raça indicadora (branco = 1)	1,520	2,116	,044	,719	,473
		pertencente a evangélico	-2,513	2,287	-,068	-1,098	,273
		índice ocupacional do pai centralizado	,159	,071	,164	2,251	,026
		índice ocupacional do pai centralizado vezes evangélico	5,550E-02	,171	,021	,324	,746
masculino	1	(Constante)	42,246	1,693		24,96	,000
		anos de estudo	,671	,177	,211	3,782	,000
		raça indicadora (branco = 1)	4,240	1,718	,138	2,468	,014
		pertencente a evangélico	2,302	1,727	,069	1,333	,184
		índice ocupacional do pai centralizado	,340	,057	,370	6,018	,000
		índice ocupacional do pai centralizado vezes evangélico	-,242	,122	-,113	-1,983	,048

a. Variável dependente: Índice socioeconômico da ocupação principal - Vale Silva, 1996.

Fonte: PRMBH-2002.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Neuma; FERNANDES, Danielle e NEVES, Jorge. “Social Mobility by Gender”. *2004 Summer Meeting of the International Sociological Association Research Committee in Social Stratification and Mobility*. Rio de Janeiro, 2004.

ALSTON, Jon. “Aggregate Social Mobility Among Major Protestant Denominations and Major Religious Groups: 1939-1969”. *Sociological Analysis*, Vol. 34, No. 3, pp. 230-235, 1973.

AUBREE, Marion. "Pentecotisme, Education Et Ascension Sociale au Brésil". *Lusotopie*, 1999, pp. 321-328.

BLAND, Richard. "Structural and Exchange Mobility in Northern Ireland". *The Scottish Journal of Sociology*, Vol. 4; No. 3, pp. 301-307, 1980.

CAMARGO, C. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes: 1973.

GAEDE, Stan. "Religious Affiliation, Social Mobility, and the Problem of Causality: A Methodological Critique of the Catholic-Protestant Socioeconomic Achievement Studies". *Review of Religious Research*, Vol. 19, No. 1, 1977, pp. 50-62.

HALLER, Archibald e SARAIVA, Hércio. "Ascription and Status Transmission in Brazil". In: Scoville, J. (org.). *Status Influences in Third World Labor Markets: Caste, Gender, and Custom*. Berlim e Nova York: Walter de Gruyter, 1991.

KANUNGO, Rabindra e MENDONÇA, Manuel. *Work Motivation: Models for Developing Countries*. Thousand Oaks (CA): Sage, 1994.

LASSERRE, Henri. "Religion et Ascension Sociale: L'Exemple des Ouvriers Chretiens". *Revue Francaise Sociologie*, Vol. 13, No. 3, 1972, pp. 392-398.

MACHADO, C. e MARIZ, C. "Mulheres e Práticas Religiosas nas Classes Populares: Uma Comparação entre as Igrejas Pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os Grupos Carismáticos". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 34, No. 12, pp. 71-87, 1997.

MARIANO, R. "A Expansão Pentecostal no Brasil: O Caso da Igreja Universal". *Estudos Avançados*, No. 52, 2004, pp. 121-138.

MARIZ, C. e MACHADO, M. “Pentecostalismo e Redefinição do Feminino”. *Religião e Sociedade*, Vol. 17, No. 1, pp. 140-159, 1996.

PASTORE, José e SILVA, Nelson do Valle. *Mobilidade Social no Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.

SCALON, Maria. *Mobilidade Social no Brasil: Padrões e Tendências*. Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM; Revan, 1999.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VAN POPPEL, Frans; LIEFBROER, Aart e SCHELLEKENS, Jona. “Religion and Social Mobility in Nineteen Century the Haghe”. *Sociology of Religion*, Vol. 64, No. 2, 2003, pp. 247-271.

WEBER, Max. “Sociología de la Comunidad Religiosa (Sociología de la Religión)”. In: WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Economica, 1982, pp. 328-92.

WEBER, Max. *Ensayos sobre Sociología de la Religión*. Madrid: Taurus, 1988.